

MESTRADO EM PSICOLOGIA

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO

**Indecisão e Individuação: A Relação de Experiências
Adversas na Infância e o Desenvolvimento de Carreira em
Adultos Emergentes**

Victor André Pereira

M

2024



Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**INDECISÃO E INDIVIDUAÇÃO: A RELAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS
ADVERSAS NA INFÂNCIA E O DESENVOLVIMENTO DE CARREIRA
EM ADULTOS EMERGENTES**

Victor André Paiotti Pereira

Outubro de 2024

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Mariana Casanova e coorientadores Maria Barbosa Ducharne e Manuel Castro (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

A entrega a dissertação marca o fim de um caminho que comecei a traçar em 2019. Durante estes cinco anos, foram diversos desafios, batalhas e principalmente conquistas. Sem dúvidas eu só consigo estar aqui hoje devido a algumas pessoas que me ajudaram e fizeram parte deste processo.

Inicialmente, preciso agradecer a **toda a minha família** pelo apoio contínuo durante toda a minha vida e, principalmente, durante o último ano que demonstrou ser mais difícil que o esperado. As conversas, conselhos, ajudas e proximidade foram de extrema importância para minha evolução pessoal.

A minha companheira **Flávia**, que durante os últimos 4 anos e meio tem me proporcionado dias incríveis e um suporte fundamental para a minha vida pessoal e constante suporte e motivação para a minha vida acadêmica e profissional.

Um obrigado especial para meus amigos e amigas que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, **Ana, Bárbara, Gonçalo, Katiane, Luana, Paola, Rafaela, Rayane e Rita**.

À **Mariana Casanova**, minha orientadora, gostaria de agradecer a paciência, ajuda e disponibilidade durante todo o processo da dissertação.

Gostaria de ressaltar o incrível privilégio de ter o professor **Coimbra** como meu docente e orientador inicial. Mesmo sendo apenas um semestre de contato, foi possível perceber o quão gentil e repleto de conhecimento era. Foi um terrível pesar não tê-lo presente na construção desta dissertação, mas será sempre lembrado por mim como um excelente professor e Humanista.

Aos professores **Maria Barbosa Ducharne** e **Manuel Castro**, sou agradecido por terem me ajudado durante o processo da dissertação.

Resumo

Este é um estudo exploratório focado nas relações entre as Experiências Adversas na Infância (ACE), Individação parental e Indecisão Generalizada. Considerando a importância da relação pais-filhos para a formação de identidade pessoal/profissional, pretende-se explorar se as ACE poderão ter um impacto na tomada de decisão e se a individuação poderá ser um fator protetor. Utilizando uma amostra de conveniência composta por jovens-adultos (n=86), foram exploradas as associações entre estes constructos, bem como efeitos de gênero, nível educacional e nível sociocultural parental. Os resultados sugeriram que um maior número de ACE contribui para a indecisão, bem como para dificuldades em dimensões da Individação à mãe e pai. Observaram-se diferenças entre participantes com diferentes níveis de escolaridade ao nível da indecisão e da ligação à mãe, e entre participantes de distintos níveis socioculturais parentais na procura de suporte da mãe. Estes resultados sugerem uma influência das ACE nos processos de individuação e na capacidade de tomada de decisões na vida adulta.

Abstract

This is an exploratory study focused on the relationships between Adverse Childhood Experiences (ACE), parental individuation, and Generalized Indecision. Considering the importance of the parent-child relationship for personal/professional identity formation, the aim is to explore whether ACE may impact decision-making and whether individuation could serve as a protective factor. Using a convenience sample of young adults (n=86), associations among these constructs were examined, along with effects of gender, educational level, and parental sociocultural status. The results suggested that a higher number of ACE contributes to indecision and difficulties in dimensions of individuation with both mother and father. Differences were observed between participants with varying educational levels regarding indecision and attachment to the mother, and among participants from different parental sociocultural levels in terms of seeking support from the mother. These findings suggest an influence of ACE on individuation processes and decision-making abilities in adulthood.

Introdução

As experiências adversas na infância (Adverse Childhood Experiences – ACE) ocuparam a atenção científica nas últimas duas décadas, com uma vasta literatura científica devido ao seu impacto no desenvolvimento emocional e psicológico. A correlação entre ACE e resultados negativos para o desenvolvimento e vida do indivíduo teve início no artigo de Felitti et al. (1998), tendo como principal contribuição a indicação que o dano cumulativo poderia atrapalhar o desenvolvimento saudável, podendo, nomeadamente, ser manifestada no seu apego em relação às figuras principais. Nesta linha, Bowlby (1969) descreveu que a qualidade do apego com as figuras parentais impacta diretamente a capacidade de regulação emocional e relações durante toda a vida do indivíduo.

Já o processo de individuação é descrito como crítico durante a fase de adolescência e início da fase adulta (Mahler, 1968; Blos, 1967). Este processo se dá pela gradual separação das figuras paternas e o desenvolvimento identitário, o qual pode ser prejudicado pelas ACE. A fase de adultez emergente (Arnett, 2000) é caracterizada pela formação da identidade através da exploração da sua relação do indivíduo com os outros e o mundo que o rodeia, sendo que a presença de ACE pode ter uma influência negativa no desenvolvimento identitário. Para Marcia (1966) o desenvolvimento de identidade demonstra a importância do processo de individuação, na qual experiências não normativas podem causar dificuldades no processo de tomada de decisão e contribuir para a indecisão generalizada, como demonstrado por Santos e Coimbra (2000).

Assim, este estudo exploratório pretende explorar as relações entre ACE, individuação e indecisão generalizada. Considera gênero, nível educacional do participante e nível sócio-cultural parental como forma de entender melhor como estes fatores interagem dentro de diferentes grupos. Tendo em consideração a revisão da literatura, pretendemos explorar a existência de uma possível contribuição das ACE para a individuação e o processo de tomada de decisão de jovens adultos. O entendimento destas ligações pode prover mais clareza para orientadores vocacionais estruturarem suas abordagens como clientes com ACE.

As experiências adversas na infância (ACE)

A teoria do apego (Bowlby, 1969), em oposição à visão freudiana do desenvolvimento infantil ser função apenas da dinâmica intrapsíquica, propõe que o desenvolvimento da criança tem como base características socio-emocionais da relação com as figuras de apego. A teoria

propõe que as crianças possuem, inerentemente, um sistema nomeado de “sistema comportamental do apego”, que os motiva a procurar e manter proximidade com a figura do apego, tradicionalmente o cuidador principal que os defende de potenciais danos. A resposta do cuidador à angústia do bebê resulta no desenvolvimento dos modelos internos dinâmicos do “self” e do outro, sendo que o cuidado adequado e responsivo promove o desenvolvimento de modelos internos positivos e seguros acerca do self, do mundo e do outro. Este processo contribui para que as crianças percecionem o mundo ao seu redor como interessante e seguro, podendo explorar e se relacionar positivamente com o ambiente e outros indivíduos, com mais impacto positivo ao nível do *coping* com a incerteza e com o stresse. Pelo contrário, experiências ambivalentes ou de negligência, contribuem para que a criança desenvolva modelos internos menos positivos, caracterizados pela insegurança, prejudicando o aprendizado da regulação emocional e de stresse, restringindo a exploração do mundo e o desenvolvimento relacional. Desta maneira, a teoria do apego explica o desenvolvimento do processo de angústia da criança e a procura de proximidade ao cuidador principal. Deste modo, experiência que possam prejudicar este vínculo, seja pelo abuso ou outras formas de disfunção familiar, podem comprometer o desenvolvimento emocional e psicológico da criança, deixando-as mais vulneráveis a experiências adversas na infância (ACE). Estas características tendem a se manter estáveis durante o ciclo vital do indivíduo, enquanto a figura principal de apego se altera (amigos, colegas de trabalho, namorados). Contudo, a existência de relações de apego reparadoras e a intervenção psicológica no sentido de resignificar experiências adversas poderão contribuir para a reformulação dos modelos internos dinâmicos do indivíduo (Egeland & Carlson, 2004; Yates et al., 2003).

As ACE são eventos familiares e relacionados ao ambiente social. Variando em severidade, são frequentemente crônicas e afetam o desenvolvimento físico e psicológico de uma criança (Kalmakis, & Chandler, 2014). Assim, são compostas de: maltratos, os quais podem ser diferenciados em abuso físico, mental e sexual; negligência física e emocional; e disfunções familiares, como divórcio e abuso de substâncias por algum familiar próximo (Bellis et al., 2014; Felitti et al., 1998). Os ACE causam dano para as crianças, resultando das experiências negativas ou da falta de experiências positivas (Shonkoff & Garner, 2012). Estas experiências podem ser distinguidas entre agudas e crônicas (Merrick et al., 2017), sendo que a literatura demonstra que a exposição frequente à adversidade está relacionada ao maior risco de desenvolvimento de doença física (Felitti et al., 1998) e psicopatologia (Dube et al., 2005). A exposição prolongada às ACE e stresse contínuo pode transformar o indivíduo, contribuindo para o desenvolvimento de trauma (McEwen, 2000). De fato, resultados empíricos sugerem que

a exposição contínua e crônica ao stresse, gerado pelas ACE, pode resultar na ativação prolongada do eixo hipotálamo-pituitária-adrenal, afetando a saúde física e mental (McEwen & Gianaros, 2010; Shonkoff, Boyce, & McEwen, 2009). Estes eventos, variam em severidade, podendo contribuir ou não para o desenvolvimento de psicopatologia. A resiliência desenvolvida pelo indivíduo, pela rede de suporte a que tem acesso, bem como pelo significado atribuído aos acontecimentos, pode servir de fator protetivo (Masten, 2001). Assim, o acúmulo dos ACE, geralmente associado a um maior risco de desenvolver diferentes problemas de saúde, pode ser mitigado por fatores protetivos como a resiliência e suporte social.

Após o estudo inicial de Felitti et al. (1998) diversos estudos foram realizados e demonstraram resultados expressivos no que engloba depressão (Maletic et al., 2007), ansiedade (Green et al., 2010), ser fumante (Edwards et al., 2007), problemas de alcoolismo e uso de drogas ilícitas (Enoch, 2011), entre outros.

Bromfield, Gillingham e Miller (2007) definiram dano cumulativo como o “efeito de múltiplas circunstâncias e eventos adversos na vida de uma criança” (p. 35). Segundo os autores, esses impactos podem ser profundos e exponenciais, reduzindo a sensação de segurança, estabilidade e bem-estar da criança. Bromfield e Higgins (2005) observaram que o maltrato prolongado era mais comum e prejudicial comparado com episódios pontuais e isolados de abuso. Sameroff (2000) propôs a “hipótese do risco cumulativo”, sugere que a acumulação de fatores de risco aumenta a probabilidade de resultados adversos. De acordo com esta hipótese, crianças expostas a múltiplas ACE teriam uma maior probabilidade de enfrentar desafios na idade adulta. No entanto, a tentativa de determinar um limiar numérico de ACE que quando atingido possa indicar a presença de problemas significativos, deve ser interpretada com cautela, tanto para a triagem, quanto para a avaliação de consequências. Em um artigo recente (Anda et al., 2020) os autores levantam algumas questões que devem ser tidas em consideração na interpretação dos estudos sobre ACEs, como a frequência, a intensidade, a cronicidade, o sexo, o momento das exposições (se aconteceu em um período sensível ou não), experiências positivas e, até mesmo, fatores de proteção. Deste modo, a presença de ACES pode ter um impacto em diversos aspectos da vida adulta de um indivíduo, pelo que poderá também influenciar decisões de carreira.

O processo de individuação e as ACE

O processo de individuação foi estudado inicialmente através de uma vertente psicanalítica por Mahler (1968), levando em consideração os três primeiros anos de vida de

uma criança. Este ciclo de individuação começa pela relação simbiótica entre mãe e bebê, onde a criança se comporta de maneira em que ele/ela e a mãe formam um sistema onipotente, uma dualidade única com limites em comum (Mahler, 1968). Durante este período a dependência da criança é total para com a figura de referência. Para Mahler, o primeiro processo de separação-individuação acontece nos primeiros três anos de vida. Neste período, a simbiose entre criança e mãe é diluída gradualmente até desenvolver sua identidade e atingir a individuação, e não dependa mais totalmente da mãe.

Já para Blos (1967), a segunda fase de individuação acontece na adolescência e se dá através do afastamento progressivo da figura principal do apego. Esta segunda fase tem como ponto principal o distanciamento do objeto infantil, da separação emocional e da dependência familiar como forma de se tornar um membro da sociedade e do mundo adulto. Desta forma, o distanciamento da figura de referência contribui para a promoção da agência do indivíduo. A existência de falhas no processo da segunda fase de individuação, bem como da primeira, pode acarretar dificuldades no desenvolvimento de uma identidade autônoma e contribuir para o desenvolvimento de comportamentos defensivos, a superficialidade emocional, como estratégias para evitar o aumento de responsabilidades (Blos, 1967). Para manter este estado de não-individuação, o adolescente pode utilizar estratégias como a procrastinação, superficialidade emocional e ineficácia, como forma de não assumir sua responsabilidade pelos seus comportamentos e decisões, mantendo o locus da responsabilidade em familiares. As ACE podem contribuir para distorcer o processo de individuação, tanto na infância quanto na adolescência. Ao enfrentar as ACE, crianças podem desenvolver padrões de apego inseguros, prejudicando as relações com a(s) figura(s) de referência e se distanciando emocionalmente das mesmas, dificultando a transição para a vida adulta e os processos de tomada de decisão vocacional/profissional.

Desta forma, podemos considerar que o processo de individuação é uma construção diádica entre crianças e adolescentes e a(s) figura(s) de referência que se estende para a fase adulta, no centro do qual se encontram a conectividade e a individualidade (Buhl, 2008). Assim, o conceito de segunda individuação tem como característica fundamental a separação psicológica que ocorre na adolescência, e é atualmente utilizado para estudar a interação entre individuação e o ajustamento psicoafectivo de adultos emergentes (Correia, & Motta, 2016).

Erikson (1993) perspectiva a personalidade como um processo contínuo de desenvolvimento ao longo de toda a vida, atingindo um ponto crucial no estágio “Identidade x Confusão”, que ocorre entre as idades de 12 e 18 anos. Durante este período, os jovens exploram diferentes papéis e tentam definir quem são. Caso a exploração seja bem-sucedida, seus valores

e o sentido de quem são vai sendo definido de forma clara. Caso esta etapa não seja bem-sucedida, os jovens podem experienciar um estado de “confusão”, sem valores claros e propósito definido. Este estágio é descrito como uma fase de experimentação, contribuindo para o desenvolvimento da identidade e preparando o jovem para assumir diferentes papéis sociais, nomeadamente ao nível vocacional e profissional. Segundo Marcia (1966), que expandiu o modelo de Erikson, existem duas dimensões principais no processo de construção da identidade. A exploração, busca e experimentação ativa de papéis e identidade, e o compromisso, a decisão em se comprometer com uma identidade específica. O autor propõe quatro status de identidade: a “realização”, que se caracteriza pela exploração e compromisso com uma identidade; a “moratória” marcada pela exploração sem o compromisso; a “difusão”, onde não há exploração nem compromisso, resultando em uma identidade fragmentada; e o “foreclosure” onde o indivíduo aceita uma identidade sem explorar as opções, geralmente sugerindo as suas figuras de autoridade. Estes quatro estatutos da identidade representam diferentes maneiras de atravessar as crises de identidade e construção de objetivos vocacionais, caracterizando uma fase crucial na transição entre a adolescência e vida adulta emergente.

Dentro do modelo de desenvolvimento de Erikson a fase correspondente entre as idades de 18 e 35 anos corresponde ao estágio de “Intimidade x Isolamento”, onde o jovem adulto tenta estabelecer vínculos íntimos e estabelecer seu papel dentro na sociedade. O conceito de “adultos emergentes” proposto por Arnett (2000), considerando o impacto da organização social, económica e política da contemporaneidade e como esta afeta o desenvolvimento psicológico, propõe que esta fase é um período caracterizado por mudanças e exploração de possíveis direções de vida, reconhecendo que há uma contínua exploração da identidade, especificamente em termos de escolhas relacionais e vocacionais. Desta forma, a identidade vocacional é influenciada pela dinâmica de exploração e compromisso, que se estendem até a fase adulta.

Em um estudo longitudinal (Meeus, 2011), a conceptualização da formação de identidade como um processo contínuo durante a adolescência até a fase adulta é fortalecida. Meeus (2011) sugere que tomadas de decisão mais maduras, na fase adulta, são reflexo de uma transição, gradual e estável, de estágios mais imaturos, como a difusão, para estágios mais avançados, como a realização. Assim, o processo de individuação, inicialmente proposto por Mahler (1968) e Blos (1967), está conectado a formação de identidade e tomada de decisões vocacionais em adultos emergentes, onde se destacam a importância da exploração e apoio social no percurso.

O processo de desenvolvimento vocacional e de carreira e as ACE

Trauma, que também pode ser interpretado como ACE (Goddard, 2020), ocupa um papel fundamental na teoria da construção de carreira (CCT; Savickas, 2005). Esta relação está inclusa na 15ª proposição da CCT, que afirma que “Career construction is prompted by vocational development tasks, occupational transitions, and personal traumas and then produced by responses to these life changes.” (Savickas, 2005, p.46). De acordo com Savickas (2005), a adaptabilidade na carreira abrange uma combinação de atitudes, crenças e competências, que podem ajudar o indivíduo a enfrentar traumas pessoais. Ele argumenta que os temas de vida dão significado a estas experiências traumáticas, sendo que os indivíduos se envolvem em atividades como forma de abordar suas preocupações e desafios enraizados em seu histórico familiar. Assim a experiência vivida na infância pode estar associada com o desenvolvimento do autoconceito e dos padrões vocacionais de um indivíduo (Savickas, 2005).

Indecisão generalizada, também designada na literatura por “indecisiveness”, é um processo não normativo do desenvolvimento humano, onde a tomada de decisão fica prejudicada em maior parte das situações; já a indecisão, designada como “indecision” é um processo normativo no desenvolvimento humano e afeta o processo de decisão em áreas específicas (Rassin, 2007). Indivíduos afetados pela indecisão generalizada tendem a demonstrar níveis mais elevados de ansiedade (Hartley & Phelps, 2012), locus de controle externo (Frost & Gross, 1993), baixa autoestima (Pignault, Rastoder, & Houssemand, 2023) e, principalmente, dificuldades na formação inadequada da identidade (Schwartz et al., 2013).

A investigação e teorização sobre a construção de carreira também levam em consideração o processo de separação e autonomia do indivíduo para com a família (Bratcher, 1982). Deste modo, o desenvolvimento vocacional não pode ser artificialmente separado da construção de identidade e de processos de separação psicológica da família, pelo que se verifica que a existência de dificuldades na tomada de decisões vocacionais e profissionais está associada a processos de separação inadequada entre pais e filhos (Lopez & Andrews, 1987). Pesquisas indicam que indivíduos que experienciaram dificuldades ao nível do processo de individuação tendem a reagir de maneiras diferentes. Alguns indivíduos podem experienciar uma necessidade de iniciar o processo de exploração de carreira como forma de superar as dificuldades na escolha de carreira, enquanto outros podem não identificar esta necessidade (Santos & Coimbra, 2000).

Assim, a dificuldade na separação psicológica entre pais e filhos demonstrou ser um fator preditivo da indecisão, demonstrando a importância da família no desenvolvimento normativo da identidade e da tomada de decisão. Indivíduos que tendem a receber maior

incentivo e aceitação em relação à sua independência por parte da figura materna, tendem a revelar menores níveis de indecisão vocacional; sendo que a falta de apoio ou a superproteção podem inibir a formação normativa da identidade (Guerra & Braungart-Rieker, 2011). Para além disto, ACE como a ausência de apoio emocional ou a superproteção, podem gerar inseguranças que perduram na fase adulta, dificultando o processo de exploração vocacional. De fato, de com a teoria do apego de Bowlby (1967), a base segura é fundamental para o desenvolvimento normativo e saudável da identidade, contribuindo para que o indivíduo perceba o seu ambiente como seguro e interessante, e assim, possa explorar o contexto que o rodeia com maior confiança, o que poderá contribuir para a prevenção da indecisão vocacional.

Questões de Investigação

Esta investigação se trata de um estudo exploratório sobre as relações entre três construtos principais: ACE, Individação e Indecisão Generalizada. Deste modo, serão exploradas as associações entre estes constructos. Por outro lado, considerando que um maior número de ACE, dificuldades ao nível da individuação em relação aos pais, e maiores níveis de indecisão generalizada poderão influenciar tomadas de decisão vocacional e profissional, serão exploradas possíveis diferenças entre grupos, focando-se nas seguintes variáveis sociodemográficas: género, nível sociocultural da família de origem, e nível de escolaridade dos participantes. Finalmente, considerando a revisão da literatura apresentada, pretende-se explorar se o número de ACE pode contribuir para explicar a individuação aos pais, e se esta pode contribuir para explicar maiores níveis de indecisão generalizada.

Métodos

Tendo em consideração a revisão da literatura anteriormente apresentada, sugerindo uma possível influência das ACE no processo de desenvolvimento, individuação e de construção de carreira, este estudo pretende explorar as seguintes questões de investigação:

Questão 1: Quais as associações entre ACE, Individação ao pai e à mãe, e a Indecisão Generalizada?

Questão 2: Será que a experiência individual de um maior número de ACE é preditora da Individação parental (ao pai e à mãe) e da Indecisão Generalizada?

Questão 3: Será que a Individação ao pai e à mãe é preditora da Indecisão Generalizada?

Questão 4: Será que existem diferenças entre grupos em relação a variáveis como Gênero, Nível Educacional do Participante e o Nível Sociocultural dos pais nos constructos em estudo?

Instrumentos

Questionário sociodemográfico composto por questões caracterizadoras dos participantes e suas famílias de origem, nomeadamente: gênero, nível de escolaridade dos participantes, nível de escolaridade do pai e da mãe. Com base no nível de escolaridade do pai e da mãe, foi computada uma nova variável que reflete o nível sociocultural parental no sentido de explorar diferenças entre estes grupos.

Adverse Childhood Experiences Scale. O questionário de *Experiências Adversas* (Felliti et al., 1998), representa ACE's fundamentais através de 10 itens focados em: 1. *Abuso psicológico*; 2. *Abuso físico*; 3. *Abuso sexual*; 4. *Uso/abuso de álcool e drogas*; 5. *Doença mental ou suicídio*; 6. *Violência contra a mãe*; 7. *Envolvimento com atividades criminais*; 8. *Divórcio e separação parental*; 9. *Negligência física*; e 10. *Negligência emocional*. Foi utilizada a versão simplificada do questionário, na qual estes ACE's são avaliados através uma resposta dicotômica “Sim” ou “Não”, partindo-se da validação anteriormente realizada para Português do Brasil (Pereira, & Viana, 2021).

Indecisiveness Scale (IS). O questionário da Indecisiveness Scale (IS; Frost & Shows, 1993; Santos, 2007) foi o questionário mais utilizado na investigação da indecisão generalizada. O instrumento é constituído por 15 itens e avalia as emoções, os comportamentos e as cognições. A avaliação é feita através de uma escala de *Likert* de 1 a 5 (1 refere-se a discordo fortemente e 5 a concordo fortemente); os itens com cotações mais elevadas revelam um nível de indecisão mais saliente. A sua consistência interna, na versão portuguesa, situa-se entre .80 e .90 (Santos, 2007).

Individuation Test for Emerging Adults (ITEA). O questionário da Individuation Test for Emerging Adults (Komidar, Zupančič, Sočan, & Puklek Levpušček, 2013; Correia & Mota, 2016) é constituído por 36 itens distribuídos em cinco dimensões avaliadas para o pai e mãe separadamente: suporte de si, ligação, intrusividade, autoconfiança e medo de desapontar os pais. O instrumento apresenta itens através de uma escala de *Likert* de 5 pontos entre completamente falso e completamente verdadeiro. A análise da consistência interna do instrumento total, em sua versão portuguesa, para a mãe e pai, respetivamente, é de .81/.85; apresentando os seguintes níveis de *alphas* de Cronbach para cada uma das dimensões: suporte

de si = .82/.84; ligação = .85/.86; intrusividade = .85/.83; autoconfiança = .80/.79; medo de desapontar os pais = .77/.82, mãe e pai respetivamente (Nunes, Correia, & Mota, 2019).

Procedimentos

Sendo uma amostra por conveniência, como a população-alvo, jovens adultos entre os 18 e os 30 anos, de modo a representar adultos emergentes, o questionário foi disseminado online, através da plataforma Qualtrics. De facto, procurou-se adaptar o método de recolha de dados à população em causa, pelo que se tomou a decisão de recolher os mesmos online de modo a garantir uma rápida disseminação do estudo. O questionário online contém o consentimento informado e as explicações necessárias para que os participantes possam avaliar o âmbito do estudo e decidir relativamente à sua participação. A participação neste estudo era completamente voluntária. Podendo interromper a sua participação a qualquer momento.

O procedimento da análise dos dados, segunda fase do processo de investigação, foi realizada através do software IBM SPSS Statistics versão 29.0 (Chicado, IL, USA). Foram realizadas análises descritivas, análises fatoriais exploratórias (AFE) e confiabilidade das três escalas, bem como análises de variância (ANOVA) e análises de variância multivariada (MANOVAS) para perceber as diferenças entre grupos em relação as ACE, Individação e Indecisão Generalizada relativamente às variáveis de Género, Nível Escolar do Participante e Nível sociocultural parental. Finalmente, foram realizadas regressões lineares múltiplas, definindo: as ACE como variável dependente e as dimensões da individuação ao pai e à mãe, separadamente, como variáveis independentes; a indecisão generalizada como variável dependente e as dimensões da individuação ao pai e à mãe, separadamente, como variáveis independentes.

Participantes

Devido a constrangimentos temporais na recolha de dados, o estudo contou com uma amostra de 86 adultos emergentes, com idades entre 18 e 30 anos e uma média de idade de 24.03 (DP = 3.295), sendo que 25.6% pertencem ao sexo masculino (n = 22), 73.3% pertencem ao sexo feminino (n = 63), e 1.2% se autodenominaram pertencentes a outras denominações de género. Em relação à nacionalidade, 52.3% (n = 45) são de nacionalidade portuguesa, 46.5% de nacionalidade brasileira (n = 40) e 1.2% de outras nacionalidades (n = 1). No que se refere ao nível de escolaridade concluído, 53.5% dos participantes possuem Licenciatura concluída (n

= 46), 30.2% possuem o Ensino Secundário concluído ($n = 26$), 8.1% possuem o Mestrado concluído ($n = 7$), além de 45.3% da amostra possuir um trabalho remunerado.

Resultados

Validação dos instrumentos

Escala de Indivuação para Adultos Emergentes

Foi realizada uma análise fatorial exploratória (AFE) para as escalas de Indivuação com 36 itens da escala, tal como na validação para Português original, validando a escala da Indivuação em relação à Mãe separadamente da escala focada no Pai. Assim, foi realizada uma redução fatorial através de Análise de Efeitos Principais (assumindo a correlação entre fatores e um modelo de análise fatorial refletivo) (Tabachnick & Fidell, 1996), alcançando um valor de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) 0.82 para a escala do Pai, com uma Taxa de Variância Explicada (TVE) de 65.9%, sugerindo uma solução de 5 fatores, como reportada na validação para a escala em português. De seguida foi testada a organização fatorial com 5 fatores através Análise de Efeitos Principais com rotação Oblimin, atingindo um KMO de 0.82 e uma TVE de 63,6%. Verificou-se que apenas dois itens não saturaram nas dimensões originais, contudo decidiu-se seguir a estrutura fatorial da escala original.

De facto, verificou-se a mesma tendência na escala da indivuação face à Mãe, de forma mais pronunciada, mantendo-se a decisão de seguir a organização fatorial da escala original uma vez que estas dificuldades podem estar relacionadas com o reduzido tamanho da amostra. Assim, seguindo-se os mesmos procedimentos para esta escala verificou-se um KMO de 0.76, uma TVE de 61,3%, sendo que a análise dos eigenvalues iniciais e do *scree plot* (Anexo 2) sugere uma solução de 4 ou 5 fatores. Assim, testou-se uma versão com cinco fatores, seguindo a versão original através de rotação Oblimin. O Total de Variância explicada foi de 54.1% para a escala da Mãe e sendo que o valor do KMO foi de 0.76. Os resultados foram satisfatórios, para ambas as escalas, com um KMO superior a 0.6 (Pallant, 2020).

Assim, calculou-se a confiabilidade da escala de Indivuação, em relação aos seus cinco fatores, através do *Alpha* de Cronbach (α) e do Omega de McDonald (ω). Apresentaram-se de seguida os resultados da escala de indivuação face à mãe: Procura de Suporte ($\alpha = .89$; $\omega = .89$); Ligação ($\alpha = .90$; $\omega = .90$); Intrusividade ($\alpha = .88$; $\omega = .88$); Autoconfiança ($\alpha = .82$; $\omega = .82$); e Medo de Desapontar ($\alpha = .78$; $\omega = .78$). Já em relação à Indivuação paterna os resultados também foram satisfatórios: Procura de Suporte ($\alpha = .92$; $\omega = .93$); Ligação ($\alpha = .93$;

$\omega = .93$); Intrusividade ($\alpha = .86$; $\omega = .86$); Autoconfiança ($\alpha = .90$; $\omega = .90$); e Medo de Desapontar ($\alpha = .90$; $\omega = .90$).

Escala de Indecisão Generalizada (IS)

Para analisar a estrutura interna da IS, foi realizada a Análise Fatorial Exploratória através de Análise de Efeitos Principais, demonstrando uma adequação satisfatória, com o índice KMO de 0.799. Sendo que os eigenvalues relativamente a um primeiro e único fator atingem uma TVE de 36.1% da variância total, assumiu-se que os resultados indicaram uma estrutura unifatorial, tal como na versão original da escala (Santos, 2011).

Para medir a confiabilidade da Indecisão Generalizada optou-se pelo ω de McDonald, para além do α de Cronbach pois para construtos unidimensionais, como se espera da IS, o ω de McDonald demonstrou ser mais preciso e próximo da definição teórica de confiabilidade (Deng & Chan, 2017). Neste estudo o ω de McDonald da escala da Indecisão Generalizada é alto ($\omega = .85$), sendo o α de .86. A análise das variâncias da média entre os itens demonstrou ser relativamente baixa (0.342), que indica consistência moderada entre os diferentes itens do instrumento em relação as repostas.

Escala da Experiências Adversas na Infância (ACE)

A Análise Fatorial Exploratória da escala ACE seguiu os mesmos procedimentos, demonstrando ser satisfatória, com um índice KMO de 0.71. Os eigenvalues iniciais sugerem um único fator, com uma TVE de 25,5%, tal como na escala original (citação). Para a escala dos ACE o ω de McDonald é considerado aceitável ($\omega = 0.72$) e o α de .74. As médias de itens variaram entre 0.047 e 0.419, com uma média geral de 0.252.

Relações entre variáveis

De modo a explorar a relação entre todas as variáveis, e de modo a responder à primeira questão de investigação, foram realizados os procedimentos necessários para o cálculo da correlação de Pearson. Os resultados da Correlação entre ACE e Indivuação tiveram uma relação significativa negativa moderada no fator de Ligação, para mãe ($r = -0.428$, $p < .01$) e pai ($r = -0.417$, $p < .01$), podendo ser interpretada que quanto maior o número de ACE na infância, menor é a perceção de Ligação dos filhos face às mães. Também se verificou uma correlação significativa negativa moderada em relação a Procura de Suporte, para o pai ($r = -0.414$, $p < .01$) e para a mãe ($r = -0.281$, $p < .01$), sugerindo que indivíduos com mais ACE procuram menos o suporte paterno e materno. A última correlação significativa que se

encontrou foi uma correlação negativa baixa entre ACE e Intrusividade do pai ($r = -0.304$, $p < .01$), demonstrando menor percepção de comportamentos intrusivos ou de excessivo controle por parte do pai para indivíduos com mais ACE. Já o último resultado de correlação significativa, negativa, porém baixa, se deu entre ACE e Medo de Desapontar o pai ($r = -0.266$, $p < .05$), sugerindo que indivíduos com mais ACE tendem a não valorizar o julgamento ou desapontamento paterno. A única correlação significativa positiva (baixa) se deu entre ACE e a Autoconfiança em relação a mãe ($r = .232$, $p < .05$) sugerindo que, contraditoriamente, indivíduos que vivenciaram mais experiências adversas na infância tendem a perceber uma maior autoconfiança na relação com a mãe. A tendência é igual à do pai ($r = .200$), mas este resultado foi não significativo. Nesta linha, é importante mencionar outra correlação positiva, mas não significativa, entre ACE e Procura de Suporte materno, e Medo de Decepcionar a mãe.

Em relação à Indecisão Generalizada, não se verificou uma correlação significativa com as experiências adversas na infância, mas foram observadas duas correlações significativa baixas em relação à Indivuação Materna. No que se refere à Ligação materna ($r = -0.292$, $p < .05$), estes resultados sugerem que os indivíduos que tendem perceber uma menor conexão emocional com a mãe, revelam maior indecisão generalizada. Quanto à Intrusividade ($r = 0.263$, $p < .05$), os resultados sugerem que os indivíduos que tenham experienciado relações de maior intrusividade na relação com a mãe, um ambiente mais controlador com menos espaço para sua autonomia e o possível desenvolvimento de confiança para tomar suas próprias decisões, poderão revelar maiores níveis de indecisão generalizada.

Tabela 1.

Correlações entre ACE, Indecisão Generalizada, e todas as dimensões da Individuação face à mãe e face ao pai.

	ACE	Indecisão	Individuação Procura de Suporte (Mãe)	Individuação Ligação (Mãe)	Individuação Intrusividade (Mãe)	Individuação Autconfiança (Mãe)	Individuação Medo de Desapontar (Mãe)	Individuação Procura de Suporte (Pai)	Individuação Ligação (Pai)	Individuação Intrusividade (Pai)	Individuação Autconfiança (Pai)	Individuação Medo de Desapontar (Pai)
ACE	1	.174	-.281**	-.428**	.170	.232*	-.047	-.414**	-.417**	-.304**	.200	-.266*
Indecisão	.174	1	-.052	-.229*	-.263*	-.035	.172	-.113	-.191	.091	.019	.131

Nota. * Correlation is significant at the 0.05 level; ** Correlation is significant at the 0.01 level

Assim, para investigar se as ACE poderão predizer os níveis de indecisão generalizada (questão de investigação 2) foi realizada uma regressão linear. Apresentou resultados significativos, demonstrando que as ACE contribuem para explicar a indecisão generalizada significativamente, mas apenas em 3,7% (R^2 ajustado = 0.037) com $p = .043$. Estes resultados sugerem que indivíduos que experienciaram um maior número de ACE revelam maiores níveis de Indecisão Generalizada na idade adulta.

Tabela 2.

Resultados de Regressão entre ACE e Indecisão Generalizada

Variável dependente	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes Estandarizados	p
	β	Desvio Padrão	β	
Indecisão Generalizada	.56	.27	.220	.043

Foram realizadas regressões lineares para avaliar se as ACE prediziam cada um dos cinco fatores da Indivuação da Mãe (questão de investigação 2). Para facilitar a análise dos resultados, apresenta-se na tabela seguinte os resultados para cada uma das dimensões da Indivuação face à mãe. Os resultados demonstram que as ACE predizem significativamente a procura de suporte da mãe em 8,5% (R^2 ajustado = 0.085), sugerindo que um maior número de ACE contribui para uma redução da procura de suporte junto da mãe. Relativamente à ligação à mãe, os resultados sugerem que um maior número de ACE contribui para uma menor ligação à mãe, sendo que os ACE contribuem para explicar a variação desta variável em 21% (R^2 ajustado = 0.21). No que se refere à autoconfiança face à mãe, os resultados sugerem que um maior número de ACE contribui para um aumento da autoconfiança na relação com a mãe, apesar de apenas explicar a variação desta variável em 0,5% (R^2 ajustado = 0.05). Contudo, os resultados não foram significativos relativamente à contribuição das ACE para explicar a intrusividade da mãe, nem para explicar o medo de desapontar a mãe.

Tabela 3.

Resultados de Regressão entre ACE e Indivuação da Mãe

Variável dependente	Coeficientes não estandardizados	Coeficientes Estandarizados	p
---------------------	-------------------------------------	--------------------------------	---

	β	Desvio Padrão	β	
Individuação (Procura de suporte – Mãe)	- 0.155	0,052	-0.31	.004
Individuação (Ligação à Mãe)	-0.21	0.043	-0.47	<.001
Individuação (Intrusividade Mãe)	0.074	0.047	0.17	.118
Individuação (Autoconfiança – Mãe)	0.079	0.034	0.248	.022
Individuação (Medo de desapontar – Mãe)	- 0.011	0.039	-0.032	.769

A mesma análise foi realizada para os cinco fatores de Individuação face ao Pai (questão de investigação 2). Assim, verificou-se que a presença de ACES explica a procura de suporte face ao pai em 14,7% (R^2 ajustado = 0.147), sugerindo que um maior número de ACES contribui para uma menor procura de suporte face ao pai. No que se refere à Ligação ao pai, os resultados sugerem que um maior número de ACES contribui para menor ligação ao pai, contribuindo para explicar 14,1% desta variável (R^2 ajustado = 0.141). Em relação à intrusividade do pai, os resultados sugerem que maior número de ACES contribui para explicar menores níveis de percepção de intrusividade do pai, sendo que os ACES contribuem para explicar a variância desta variável em 7,2% (R^2 ajustado = 0.072). Verificou-se a mesma tendência face ao pai que se havia verificado em relação à mãe quanto à autoconfiança. Assim, a presença de um maior número de ACE contribui para explicar uma percepção de maior autoconfiança dos participantes face à relação com o pai, apesar do reduzido poder explicativo de 7,4% (R^2 ajustado = 0.074). Também em relação ao medo de desapontar o pai, os resultados foram significativos. Contudo, a presença de ACE explica a variação desta variável em apenas 4,4% (R^2 ajustado = 0.044), sugerindo que a experiência de um maior número de ACE contribui para um menor medo de desapontar o pai.

Tabela 4.

Resultados de Regressão entre ACE e Individuação do Pai.

Variável dependente	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes Estandarizados	p
	β	Desvio Padrão	β	

Individuação (Procura de suporte – Pai)	- 0.212	0.054	-0.396	<.001
Individuação (Ligação à Pai)	- 0.200	0.052	-0.389	
Individuação (Intrusividade Pai)	- 0.091	0.033	-0.288	.008
Individuação (Autoconfiança – Pai)	0.109	0.039	0.292	.007
Individuação (Medo de desapontar – Pai)	- 0.114	0.052	-0.235	.031

Foi também explorado, através de regressão linear múltipla, se os cinco fatores de Individuação da Mãe e ao Pai podem contribuir para explicar a Indecisão Generalizada (questão de investigação 4). Os resultados dos procedimentos de regressão linear múltipla quer para o pai, quer para a mãe não demonstram ser estatisticamente significativos (Pai R^2 ajustado = 0.056; $p = .089$; Mãe R^2 ajustado = 0.053; $p = .098$). Considerando que estes resultados foram não significativos e, por questões de economia de espaço, não apresentamos as tabelas correspondentes. No entanto, considerando o tamanho da amostra, seria interessante replicar este estudo de forma a validar estes resultados.

Diferenças entre Grupos

As seguintes análises foram realizadas no sentido de responder à quarta questão de investigação, explorando possíveis efeitos de variáveis sociodemográficas (gênero, nível de escolaridade dos participantes, e nível sociocultural parental) nas variáveis em estudo. Apenas serão apresentadas tabelas com resultados detalhados para casos em que os resultados demonstraram significância estatística.

Gênero

Foi realizada uma análise de variância univariada (ANOVA) como forma de explorar se há um impacto do gênero sobre as ACE. Não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa, $F(2, 82) = 1.339$, $p = .268$. Com um tamanho de efeito pequeno (η^2 parcial = .032), indicando que não há diferenças significativas entre gênero em relação a ACE.

Uma segunda ANOVA foi realizada com o objetivo de investigar se o gênero impacta a Indecisão Generalizada. Não demonstrou a existência de diferenças estatisticamente significativas: $F(2, 82) = 0.801$, $p = .453$. Sendo, o tamanho de efeito pequeno (η^2 parcial =

.019), verificou-se não haver diferenças significativas de gênero em relação à Indecisão Generalizada.

Foi realizada uma análise de variância multivariada (MANOVA) para investigar se existem diferenças entre os níveis de individuação materna com base no gênero dos participantes. O teste de Levene indicou que a homogeneidade das variâncias foi mantida para a maioria dos fatores analisados, com exceção da Procura de Suporte. Para a Procura de Suporte, o resultado do teste de Levene foi de 9,2 ($p = .003$), indicando violação da homogeneidade. Para os outros fatores, os resultados indicaram homogeneidade das variâncias. Contudo, os resultados não demonstraram ser estatisticamente significativos, não se verificando um efeito principal do gênero. O valor de Pillai's Trace de .132, $F(10, 158) = 1,115$, $p = .354$, com um η^2 de .066, sendo que quando os resultados foram considerados separadamente para as várias dimensões, nenhuma apresentou significância estatística.

Para investigar se existem diferenças de gênero nos níveis de individuação em relação ao pai, foi realizada outra MANOVA. Os resultados do teste de Levene demonstraram que a homogeneidade das variâncias se manteve para todos fatores. Contudo, não se verificou um efeito principal do gênero na individuação face ao pai, Pillai's Trace = .137, $F(10, 158) = 1,160$, $p = .322$, e um η^2 de .068, o qual foi verificado quando os resultados foram considerados separadamente para as várias dimensões, pelo qual não se verificou um efeito do gênero na individuação paterna.

Nível escolar dos Respondentes

Foi realizada uma ANOVA como forma de investigar se há diferenças ao nível das ACE entre grupos com níveis de escolaridade distintos. Considerando o tamanho reduzido da amostra, os níveis de escolaridade foram recodificados de forma a garantir grupos com tamanho mínimo para a realização de testes post-hoc: entre 1º e 3º ciclos; secundário; licenciatura; e mestrado e doutoramento. Os resultados demonstraram não existirem diferenças significativas entre diferentes níveis escolares em relação a ACE: $F(5, 37) = 2,656$, $p = .054$. Contudo, devemos referir que estes resultados são influenciados pelo tamanho da amostra e de cada grupo, uma vez que uma análise com todos os grupos originais (que não permitia análise das diferenças através de testes post-hoc), demonstrou um efeito significativo de efeito (η^2 parcial = .171), sugerindo um efeito do nível de escolaridade nas ACE.

Outra ANOVA foi realizada como forma de perceber se há diferenças ao nível da Indecisão Generalizada de acordo com nível escolar dos participantes. Os resultados

apresentaram diferenças estatisticamente significativas, $F(3, 340) = 3,974$, $p = .011$. Com um tamanho de efeito de (η^2 parcial = .128), com um tamanho de efeito moderado.

Tabela 5.

Resultados MANOVA entre nível escolar do participante e Indecisão Generalizada

Variável dependente	1º a 3º ciclos (n=4)	Secundário (n=26)	Licenciatura (n=46)	Mestrado e Doutorado (n=9)	F (3, 340)	EQP	Diferenças entre grupos
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)			
Indecisão Generalizada	47.75 (4.57)	40.27 (5.13)	41.85 (5.68)	37.44 (5.62)	3.974	128	1º a 3º ciclos > Mestrado e Doutorado

Foi realizada uma MANOVA para investigar se há diferenças entre participantes com diferentes níveis de escolaridade relativamente à individuação face à Mãe. Os resultados do teste de Levene indicaram que a suposição de homogeneidade das variâncias foi mantida para todas as variáveis. A MANOVA demonstrou que o nível de escolaridade teve efeito significativo na individuação com a Mãe, com o Pillai's Trace = 0,421, $F(15, 237) = 2,576$, $p = .001$, e um valor de η^2 parcial = .140. Nos testes de efeitos entre grupos, a variável Ligação apresentou uma diferença significativa, indicando que há diferenças em termos da perceção de ligação face à Mãe para grupos com níveis de escolaridade distintos. As outras variáveis, como a Procura de Suporte Intrusividade, Autoconfiança e Medo de Desapontar, não apresentaram diferenças significativas entre os grupos.

Tabela 6.

Resultados MANOVA entre nível de escolaridade do participante e Individuação da Mãe

Variável dependente	1º a 3º	Secundário (n=26)	Licenciatura (n=46)	Mestrado e Doutorado	F (15, 235)	EQP	Diferenças entre grupos

	ciclos (n=4)	(n=9)						
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)				
Ligação à mãe	2.21 (1.29)	3.74 (0.94)	3.47 (0.91)	4.22 (0.80)	4.84 2	0.15 2		1º a 3º ciclos < Secundário*; Lic*; Mestrado a Dout**
Procura de Suporte (mãe)	2.88 (1.20)	3.22 (1.06)	3.12 (1.78)	3.46 (0.97)	0.34 6	0.01 3		-
Intrusividade (mãe)	2.41 (0.73)	2.14 (0.94)	2.64 (0.97)	2.78 (0.90)	1.81 1	0.06 3		-
Autoconfiança (mãe)	3.44 (0.63)	4.06 (0.86)	4.04 (0.61)	4.26 (0.74)	1.27 7	0.04 5		-
Medo de Desapontar	3.22	3.38	3.28	3.00	0.50 3	0.01 8		-

Nota. * $p < .05$; ** $p < .005$; Post-hoc test Tukey

Outra MANOVA foi realizada para analisar as diferenças de Individação face ao Pai entre grupos com níveis de escolaridade distintos. Os resultados do teste de Levene indicaram que a homogeneidade das variâncias foi mantida para todos os fatores analisados. O resultado da MANOVA não foi estatisticamente significativo, apresentando um valor de Pillai's Trace de 0.222, $F(15, 237) = 1,265$, $p = .226$, com um η^2 de 0.074, indicando que não existem diferenças significativas na Individação face ao Pai com base nos níveis de escolaridade. Contudo, considerando o tamanho da amostra e da composição de cada grupo, estes resultados deveriam ser validados no futuro.

Nível sociocultural parental

Uma ANOVA foi realizada como forma de investigar se há diferenças entre grupos com diferentes níveis socio-culturais parentais em termos de ACE. Os resultados demonstram que não há um efeito principal do NSC nas experiências adversas na infância, não havendo diferenças estatisticamente significativas, $F(2, 82) = 1,296$, $p = .279$, com um η^2 parcial = .031.

Outra ANOVA como forma de perceber se o NSC parental tem relação com a Indecisão Generalizada. Os resultados indicam que não há diferenças estatisticamente significativas, $F(2,$

82) = .292, $p = .747$. Com um η^2 parcial = .007, estes resultados não demonstram que o NSC parental tenha um efeito significativo nos níveis de Indecisão Generalizada.

Foi realizada uma MANOVA para explorar se NSC parental tem um efeito na Indivuação face à Mãe. Os resultados do teste de Levene indicaram que a homogeneidade das variâncias foi mantida para todos os fatores analisados. O resultado da MANOVA foi estatisticamente significativo, apresentando um valor de Pillai's Trace de 0.230, $F(10, 158) = 2,057, p = .031$, com um η^2 de .115, indicando que existem diferenças significativas entre grupos com NSC parental distinto no que se refere à Indivuação com a Mãe. Embora o resultado tenha sido significativo, o efeito foi moderado. Analisando os efeitos entre grupos, para cada uma das dimensões da indivuação em relação à mãe, apenas a Procura de Suporte apresentou diferenças significativas nos níveis de NSC parental. Em resumo, os resultados da MANOVA indicam que os níveis de NSC têm um efeito significativo na Ligação à Mãe. Analisando os testes de post-hoc verifica-se a existência de diferenças entre participantes com NSC parental médio, com menores níveis de procura de suporte da mãe, do que participantes com NSC parental alto.

Tabela 7.

Resultados MANOVA entre NSC parental e Indivuação da Mãe

Variável dependente	NSC Baixo (n=41) M (DP)	NSC Médio (n=15) M (DP)	NSC Alto (n=29) M (DP)	F (10, 158)	EQP	Diferenças entre grupos
Ligação à mãe	3.49 (0.98)	3.51 (1.10)	3.72 (0.95)	0.504	0.012	-
Procura de Suporte (mãe)	3.18 (1.03)	2.47 (1.32)	3.54 (0.95)	5.00	0.109	NSC Médio < NSC Alto**
Intrusividade (mãe)	2.35 (0.88)	2.37 (0.88)	2.76 (1.08)	1.79	0.042	-
Autoconfiança (mãe)	4.02 (0.64)	4.31 (0.65)	3.93 (0.82)	1.48	0.035	-
Medo de Desapontar (mãe)	3.31 (0.75)	2.88 (0.78)	3.42 (0.81)	2.50	0.057	-

Nota. ** $p < .005$; Post-hoc test Tukey

Outra MANOVA foi conduzida para investigar as diferenças nos níveis de Indivuação com o Pai com base no NSC parental. Os resultados de Levene indicaram que a homogeneidade das variâncias foi mantida para todas as variáveis. O resultado da MANOVA revelou que o

efeito do NSC sobre as variáveis dependentes não foi significativo, apresentando um valor de Pillai's Trace de .091, $F(10, 158) = .750$, $p = .676$, com um η^2 de .045, sugerindo que o NSC parental não tem um impacto estatisticamente significativo nas medidas de Individação face ao Pai.

Discussão

Este estudo teve como objetivo explorar as relações entre ACE, Individação e Indecisão Generalizada considerando gênero, nível escolar do participante e o NSC parental. Foram formuladas quatro questões de investigação: (1) Quais as associações entre ACE, Individação ao pai e à mãe, e a Indecisão Generalizada?; (2) Será que a experiência individual de um maior número de ACE é preditora da Individação parental (ao pai e à mãe) e da Indecisão Generalizada?; (3) Será que a Individação ao pai e à mãe é preditora da Indecisão Generalizada?; (4) Será que existem diferenças entre grupos em relação ao Gênero, Nível Educacional do Participante e o Nível Sociocultural dos pais nos constructos em estudo?

Em relação à primeira questão de investigação, os resultados indicaram que há uma associação entre ACE e individuação: quanto maior o número de ACE menor é a ligação com a mãe e com o pai. Com base a teoria do apego e individuação (Bowlby, 1969; Mahler, 1968), este estudo sugere que a baixa qualidade da ligação parental e a dificuldade do processo de individuação normativo pode estar relacionado com o número elevado de ACE. Em relação a Indecisão Generalizada, as ACE não aparentam ter correlações significativas.

Quanto à segunda questão, os resultados das regressões demonstraram que as ACE podem explicar a Individação parental, especificamente a diminuição da Ligação com os pais, explicando parte da variância dos fatores. Também foi possível observar que as ACE demonstram explicar significativamente a Indecisão Generalizada. Dados empíricos demonstram que a Indecisão Generalizada está correlacionada com ansiedade-traço, formação de identidade vocacional, autoestima, locus de controlo externo e separação psicológica dos pais (Santos, 2001). Deste modo, a literatura suporta os resultados acima apresentados que sugerem que as ACE têm um poder preditor face à indecisão generalizada, sendo que participantes com maior número de ACE revelam maiores níveis de indecisão (apesar do p value ser .043). Este resultado (e o facto da correlação entre ACE e Indecisão generalizada ter sido não significativa) indica que o tamanho da amostra terá comprometido o poder explicativo das análises realizadas, apesar de sugerir que as tendências encontradas poderão ser validadas em estudos mais abrangentes.

Apesar de as dimensões da Individação face ao pai e à mãe não apresentarem resultados significativos para explicar a variância da Indecisão Generalizada nas regressões efetuadas (questão de investigação 3), será de referir que as correlações entre estas dimensões (questão de investigação 1) foram significativas para a ligação à mãe e perceção de intrusividade da mãe (ambas correlações negativas). Assim, seria necessário replicar este estudo com uma amostra mais abrangente uma vez que a literatura sugere que a qualidade do processo de individuação e ambiente familiar podem influenciar o processo de tomada de decisão durante o início da fase adulta (Brown & Mann, 1990). Ressaltando a importância na qualidade de interações familiares para o processo de individuação (Grotevant & Cooper, 1986; Buhl et al., 2015), influenciando diretamente as capacidades de tomada de decisão (Whiston, 1996).

Finalmente, em relação às variáveis demográficas (questão de investigação 4), as análises dos dados não demonstraram diferenças significativas entre grupos em relação ao gênero: as ANOVAS não demonstraram impacto significativo sobre as ACE, Individação parental ou Indecisão Generalizada. Em relação ao nível educacional, as ACE não demonstraram diferenças entre grupos, mas com a Indecisão Generalizada foram significativas, demonstrando que participantes com 1º a 3º ciclos apresentam maiores níveis de indecisão generalizada do que aqueles que concluíram Mestrado ou Doutoramento. Já em relação a Individação com a Mãe o nível educacional demonstrou afetar os resultados na perceção de Ligação, sendo que participantes com 1º a 3º ciclos revelam menor ligação do que aqueles que concluíram o Secundário, a Licenciatura, Mestrado ou Doutoramento, sugerindo um efeito do nível de escolaridade parental a este nível. Em relação à Individação com o Pai não demonstrou ser significativa em nenhum fator. Já o NSC demonstrou um efeito significativo na individuação face à figura materna, mais precisamente na procura de suporte (participantes com NSC parental Médio procuram menos o suporte da mãe do que aqueles com NSC Alto). Em relação à ACE e Indecisão Generalizada não se verificaram efeitos significativos da variável NSC parental.

A literatura existente (Almuneef et al., 2017; Gajos et al., 2022) comenta sobre como os resultados de diferença de gênero variam de estudo para estudo, sendo que nesta investigação não observamos alterações de resultados perante ao gênero dos indivíduos. Porém, Felitti et al. (1998) sugeriram que famílias de níveis socioeconómicos mais baixos tendiam a apresentar números mais elevados de ACE. Contudo, neste estudo não foi possível observar diferentes níveis de ACE em grupos de NSC distintos. Por mais que NSC e nível socioeconómico são sejam exatamente a mesma coisa, Mou (2023) reportou que níveis mais altos de educação estão

relacionados positivamente com a renda mensal. Assim, estes resultados deveriam ser validados através de estudos com amostras maiores que possam oferecer maior poder preditivo.

Os resultados deste estudo exploratório corroboram a teoria de apego (Bowlby, 1962), no sentido em que o apego seguro fomenta o desenvolvimento da resiliência contra as adversidades. As correlações negativas entre a individuação e os ACE sugerem que a falta de apoio e ligação emocional com os pais pode atrapalhar o desenvolvimento normativo e seguro do indivíduo. Estes resultados se alinham com a teoria da individuação de Mahler (1968), propondo que ACE podem prejudicar o processo normativo de individuação, podendo influenciar no processo de tomada de decisão e autonomia.

Além do mais, os resultados enfatizam, conforme Arnett (2000) e Erikson (1993), a importância da formação de identidade durante a fase de adultos emergentes. A influência significativa da educação no processo de individuação e decisão sugerem o papel fundamental na formação de identidade e capacidades de tomada de decisão, potencializando fatores protetivos contra as ACE.

É necessário ressaltar algumas limitações deste estudo. A principal é o número reduzido de participantes, o que pode influenciar os resultados e o poder das análises, podendo afetar os resultados das correlações e valores de significância (Cao, Chen & Katz, 2024). Outro fator importante para se ter em consideração é a diversidade cultural dos participantes, onde por volta de 98% da amostra é composta por brasileiros e portugueses. As relações identificadas aqui providenciam uma análise exploratória dos impactos das ACE sobre individuação e indecisão generalizada, mas os resultados devem ser analisados com cautela. Futuras pesquisas beneficiariam em ter uma amostra maior e maior diversidade cultural.

Para além disto, é necessário investigar o papel do suporte social e resiliência individual pois eles podem mediar a relação entre ACE e os resultados de individuação e indecisão generalizada. Ao examinar estes e outros fatores poderíamos entender e criar diretrizes sobre como fomentar a resiliência e promover uma individuação saudável como forma de prevenir a indecisão da busca vocacional e ajudar indivíduos com maiores complicações devido aos ACE.

Em conclusão, o estudo forneceu uma base de compreensão importante entre as relações de ACE, Individuação e Indecisão Generalizada, destacando a influência da qualidade das interações familiares. O estudo possui algumas limitações como o tamanho reduzido da amostra e a falta de diversidade cultural, sugerindo a necessidade de estudos futuros mais robustos. Recomenda-se a investigação de mediadores, como resiliência e suporte social, para aprofundar a compreensão das relações. Além disto, seria importante a realização de estudos longitudinais como forma de perceber se intervenções focadas no processo de individuação parental em

crianças vítimas de ACE podem influenciar a tomada de decisão profissional durante a fase de adultos emergentes.

Referências

- Almuneef, M., ElChoueiry, N., Saleheen, H. N., & Al-Eissa, M. (2017). Gender-based disparities in the impact of adverse childhood experiences on adult health: Findings from a national study in the Kingdom of Saudi Arabia. *International Journal for Equity in Health*, 16, Article 90. <https://doi.org/10.1186/s12939-017-0580-6>
- Anda, R. F., Porter, L. E., & Brown, D. W. (2020). Inside the Adverse Childhood Experience score: Strengths, limitations, and misapplications. *American Journal of Preventive Medicine*, 59(2), 293-295. <https://doi.org/10.1016/j.amepre.2020.01.009>
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469–480. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.5.469>
- Bellis, M. A., Hughes, K., Leckenby, N., Perkins, C., & Lowey, H. (2014). National household survey of adverse childhood experiences and their relationship with resilience to health-harming behaviors in England. *BMC Medicine*, 12, 72. <https://doi.org/10.1186/1741-7015-12-72>
- Blos, P. (1967). The second individuation process of adolescence. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 22(1), 162-186. <http://dx.doi.org/10.1080/00797308.1967.11822595>
- Bowlby, J. (1969). *Attachment (Vol. 1)*. Hogarth Press.
- Bratcher, W. E. (1982). The influence of the family on career selection: A family systems perspective. *The Personnel and Guidance Journal*, 61(2), 105-109. <https://doi.org/10.1002/j.2164-4918.1982.tb00734.x>
- Bromfield, L. M., Gillingham, P., & Higgins, D. J. (2007). Cumulative harm and indicators of chronic child maltreatment.
- Brown, J. E., & Mann, L. (1990). The relationship between family structure and process variables and adolescent decision making. *Journal of Adolescence*, 13, 25-37. [https://doi.org/10.1016/0140-1971\(90\)90039-A](https://doi.org/10.1016/0140-1971(90)90039-A)
- Buhl, H. M. (2008). Significance of individuation in adult child–parent relationships. *Journal of Family Issues*, 29(2), 170-191. <https://doi.org/10.1177/0192513X07304272>
- Buhl, H. M., Scholwin, B., & Noack, P. (2015). Individuation in adults' family interactions: An observational study. *Journal of Adult Development*, 22(2), 100–111. <https://doi.org/10.1007/s10804-014-9204-z>
- Cao, Y., Chen, R. C., & Katz, A. J. (2024). Why is a small sample size not enough? *The Oncologist*, 29(9), 761-763. <https://doi.org/10.1093/oncolo/oyae162>

- Chartier, M. J., Walker, J. R., & Naimark, B. (2010). Separate and cumulative effects of adverse childhood experiences in predicting adult health and health care utilization. *Child Abuse & Neglect*, 34, 454-464. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2009.09.020>
- Deng, L., & Chan, W. (2017). Testing the difference between reliability coefficients alpha and omega. *Educational and Psychological Measurement*, 77(2), 185-203. <https://doi.org/10.1177/0013164416658325>
- Di Fabio, A., Palazzeschi, L., Asulin-Peretz, L., & Gati, I. (2013). Career indecision versus indecisiveness: Associations with personality traits and emotional intelligence. *Journal of Career Assessment*, 21(1), 42-56. <https://doi.org/10.1177/1069072712454698>
- Dube, S. R., Anda, R. F., Whitfield, C. L., Brown, D. W., Felitti, V. J., Dong, M., & Giles, W. H. (2005). Long-term consequences of childhood sexual abuse by gender of victim. *American Journal of Preventive Medicine*, 28(5), 430-438. <https://doi.org/10.1016/j.amepre.2005.01.015>
- Edwards, V. J., Anda, R. F., Gu, D., Dube, S. R., & Felitti, V. J. (2007). Adverse childhood experiences and smoking persistence in adults with smoking-related symptoms and illness. *Perm J*, 11(2), 5-13. <https://doi.org/10.7812/tpp/06-110>
- Egeland, B., & Carlson, E. A. (2004). Attachment and psychopathology. In L. Atkinson & S. Goldberg (Eds.), *Attachment issues in psychopathology and intervention* (pp. 27-48). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Enoch, M.-A. (2011). The role of early life stress as a predictor for alcohol and drug dependence. *Psychopharmacology (Berl)*, 214(1), 17-31. <https://doi.org/10.1007/s00213-010-1916-6>
- Erikson, E. H. (1993). *Childhood and society* (Rev. ed.). W.W. Norton & Company. (Original work published 1950)
- Felitti, V. J., Anda, R. F., Nordenberg, D., Williamson, D. F., Spitz, A. M., Edwards, V., Koss, M. P., & Marks, J. S. (1998). Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults: The Adverse Childhood Experiences (ACE) Study. *American Journal of Preventive Medicine*, 14(4), 245-258. [https://doi.org/10.1016/s0749-3797\(98\)00017-8](https://doi.org/10.1016/s0749-3797(98)00017-8)
- Frost, R. O., & Gross, R. C. (1993). The hoarding of possessions. *Behaviour Research and Therapy*, 31(4), 367-381. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(93\)90094-b](https://doi.org/10.1016/0005-7967(93)90094-b)
- Gajos, J. M., Miller, C. R., Leban, L., & Cropsey, K. L. (2022). Adverse childhood experiences and adolescent mental health: Understanding the roles of gender and teenage risk and

- protective factors. *Journal of Affective Disorders*, 314, 303-308.
<https://doi.org/10.1016/j.jad.2022.07.047>
- Goddard, A. (2020). Adverse Childhood Experiences and Trauma-Informed Care. *Journal of Pediatric Health Care*, 35(2), 145-155. <https://doi.org/10.1016/j.pedhc.2020.09.001>
- Green, J. G., McLaughlin, K. A., Berglund, P., Gruber, M. J., Kessler, R. C., & Zaslavsky, A. M. (2010). Comorbidity of DSM-IV disorders in a national sample of adolescents. *National Comorbidity Survey Rep.* Retrieved from https://sdlab.fas.harvard.edu/files/sdlab/files/green_2010_natl_comorbidity_survey_rep_i_agp.pdf
- Grotevant, H. D., & Cooper, C. R. (1986). Individuation in family relationships: A perspective on individual differences in the development of identity and role-taking skill in adolescence. *Human Development*, 29(2), 82–100. <https://doi.org/10.1159/000273025>
- Guerra, A. L., & Braungart-Rieker, J. M. (2011). Predicting career indecision in college students: The roles of identity formation and parental relationship factors. *Journal of Counseling & Development*, 90(4), 454-463. <https://doi.org/10.1002/j.2161-0045.1999.tb00735.x>
- Hartley, C. A., & Phelps, E. A. (2012). Anxiety and decision-making. *Biological Psychiatry*, 72(2), 113-118. <https://doi.org/10.1016/j.biopsych.2011.12.027>
- Jirapramukpitak, T., Harpham, T., & Prince, M. (2011). Family violence and its ‘adversity package’: a community survey of family violence and adverse mental outcomes among young people. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology* 46, 825–831. <https://doi.org/10.1007/s00127-010-0252-9>
- Jones, S. M. (2016). Attachment Theory. In J. Caughlin, C. R. Berger, J. P. Dillard, S. R. Wilson, M. E. Roloff, & D. Solomon (Eds.), *The International Encyclopedia of Interpersonal Communication*, 3 Volume Set (ICAZ - Wiley Blackwell-ICA International Encyclopedias of Communication) (1^a ed.). Editora Wiley-Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781118540190.wbeic161>
- Kalmakis, K. A., & Chandler, G. E. (2014). Adverse childhood experiences: Towards a clear conceptual meaning. *Journal of Advanced Nursing*, 70(7), 1489-1501. <https://doi.org/10.1111/jan.12329>
- Lopez, F. G., & Andrews, S. (1987). Career indecision: A family systems perspective. *Journal of Counseling & Development*, 65(6), 304–307. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.1987.tb01291.x>

- Mahler, M. S. (1967). On human symbiosis and the vicissitudes of individuation. *American Psychoanalytic Association*, 15(4), 740-763. <https://doi.org/10.1177/000306516701500401>
- Maletic, V., Robinson, M., Oakes, T., Iyengar, S. G., & Ball, S. (2007). Neurobiology of depression: An integrated view of key findings. *Acta Physiologica*, 191(1), 47–68. <https://doi.org/10.1111/j.1742-1241.2007.01602.x>
- Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego-identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3(5), 551-558. <https://doi.org/10.1037/h0023281>
- Masten, A. S. (2001). Ordinary magic: Resilience processes in development. *American Psychologist*, 56(3), 227-238. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.3.227>
- McEwen, B. S. (2000). The neurobiology of stress: From serendipity to clinical relevance. *Brain Research Reviews*, 886(1-2), 172–189. [https://doi.org/10.1016/s0006-8993\(00\)02950-4](https://doi.org/10.1016/s0006-8993(00)02950-4)
- McEwen, B. S., & Gianaros, P. J. (2010). Central role of the brain in stress and adaptation: Links to socioeconomic status, health, and disease. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1186(1), 190–222. <https://doi.org/10.1111/j.1749-6632.2009.05331.x>
- Merrick, M. T., Ford, D. C., Ports, K. A., & Guinn, A. S. (2017). Adverse childhood experiences: United States, 2015. *Morbidity and Mortality Weekly Report*, 66(1), 1-16. <https://doi.org/10.15585/mmwr.mm6601a1>
- Meeus, W. (2011). The study of adolescent identity formation 2000–2010: A review of longitudinal research. *Journal of Research on Adolescence*, 21(1), 75-91. <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2010.00716.x>
- Miller, R. (2007). Cumulative harm: A conceptual overview. Victorian Government.
- Mock, S. E., & Arai, S. M. (2011). Childhood trauma and chronic illness in adulthood: mental health and socioeconomic status as explanatory factors and buffers. *Frontiers in Psychology*, 1, 1-6. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2010.00246>
- Mou, W. (2023). A quantitative analysis of the relationship between education level and income. *Proceedings of the 2023 International Conference on Researches of Humanities and Educational Engineering (RHEE 2023)*, 12. <https://doi.org/10.54097/ehss.v12i.7617>
- Nunes, F., Correia, F., & Mota, C. P. (2019). ITEA Individuation Test for Emerging Adults (ITEA): Adaptação para a população portuguesa. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 33(1). <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v33i1.1396>
- Pallant, J. (2020). *SPSS survival manual* (7th ed.). Open University Press.
- Pignault, A., Rastoder, M., & Houssemand, C. (2023). The relationship between self-esteem, self-efficacy, and career decision-making difficulties: Psychological flourishing as a

- mediator. *European Journal of Investigative Health, Psychology and Education*, 13(9), 1553-1568. <https://doi.org/10.3390/ejihpe13090113>
- Rassin, E. (2007). A psychological theory of indecisiveness. *Netherlands Journal of Psychology*, 63, 1-11.
- Sameroff, A. J. (2000). Developmental systems and psychopathology. *Development and Psychopathology*, 12(3), 297-312. <https://doi.org/10.1017/S0954579400003035>
- Santos, P. J. (2001). Predictors of generalized indecision among Portuguese secondary school students. *Journal of Career Assessment*, 9(4), 381-396. <https://doi.org/10.1177/106907270100900405>
- Santos, P. J. (2011). Validação da Indecisiveness Scale com uma amostra de estudantes do ensino superior. In A. S. Ferreira, A. Verhaeghe, D. R. Silva, L. S. Almeida, R. Lima, & S. Fraga (Eds.), *Actas do VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/Evaluación Psicológica/XV Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (pp. 1312-1322). Sociedade Portuguesa de Psicologia.
- Santos, P. J., & Coimbra, J. L. (2000). Psychological separation and dimensions of career indecision in secondary school students. *Journal of Vocational Behavior*, 56(3), 346-362. <https://doi.org/10.1006/jvbe.2000.1719>
- Savickas, M. L. (2005). The theory and practice of career construction. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.), *Career development and counseling: Putting theory and research to work* (pp. 42-70). Hoboken, NJ: John Wiley.
- Schwartz, S. J., Zamboanga, B. L., Luyckx, K., Meca, A., & Ritchie, R. A. (2013). Identity in emerging adulthood: Reviewing the field and looking forward. *Emerging Adulthood*, 1(2), 83-95. <https://doi.org/10.1177/2167696813479781>
- Shafer, M. H., & Ferraro, K. F. (2011). Childhood Misfortune as a Threat to Successful Aging: Avoiding Disease. *The Gerontologist*, 52(11), 111-120. <https://doi.org/10.1093/geront/gnr071>
- Shonkoff, J. P., Boyce, W. T., & McEwen, B. S. (2009). Neuroscience, molecular biology, and the childhood roots of health disparities: Building a new framework for health promotion and disease prevention. *JAMA*, 301(21), 2252-2259. <https://doi.org/10.1001/jama.2009.754>
- Shonkoff, J. P., & Garner, A. S. (2012). The lifelong effects of early childhood adversity and toxic stress. *Pediatrics*, 129(1), 232-246. <https://doi.org/10.1542/peds.2011-2663>
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (1996). *Using multivariate statistics* (3rd ed.), New York: Harper Collins

- Villanueva, L., Adrián, J. E., & Gomis-Pomares, A. (2024). The effect of childhood adversity on mental health in young adults: a longitudinal study. *Current Psychology*, 43, 6418-6429. <https://doi.org/10.1007/s12144-023-04831-7>
- Whiston, S. C. (1996). The Relationship Among Family Interaction Patterns and Career Indecision and Career Decision-Making Self-Efficacy. *Journal of Career Development*, 23(2), 137-149. <https://doi.org/10.1177/089484539602300204>
- Yates, T. M., Egeland, B., & Sroufe, L. A. (2003). Rethinking resilience: A developmental process perspective. In S. S. Luthar (Ed.), *Resilience and vulnerability: Adaptation in the context of childhood adversities*, 243–266. Cambridge University Press.

Anexos

Anexo 1

Questionário de Investigação Completo

29/09/24, 10:52

Qualtrics Survey Software

Estudo sobre Experiências Adversas na Infância, Individuação e Indecisão

Introdução e contexto: Convidamo-lo(a) a participar neste estudo desenvolvido no âmbito de um mestrado em Psicologia da Educação e Desenvolvimento da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Objetivo: O presente estudo pretende explorar como possíveis experiências adversas na infância se relacionam com as relações que o jovem adulto estabelece com as figuras parentais e com a forma como habitualmente tomamos decisões.

Procedimentos: Enquanto participante deste estudo, ser-lhe-á pedida a sua opinião em relação a uma série de perguntas acerca dos ACEs, vinculação e indecisão. Ser-lhe-ão também pedidas algumas informações sociodemográficas (p.e. idade, nível de educação). A resposta a este questionário demora, aproximadamente, 15 minutos. Em nenhum momento lhe será pedido o nome, endereço eletrónico ou outro dado que o(a) possa identificar pessoalmente. Não existem respostas erradas, nem certas, pelo que pedimos que responda o mais sinceramente possível.

https://psicologia.eu.qualtrics.com/Q/EditSection/Blocks/Ajax/GetSurveyPrintPreview?ContextSurveyID=SV_3ZQFgdZZyV3a5aC&ContextLibrar... 1/23

Elegibilidade: Poderá participar neste estudo qualquer pessoa entre 18 e 30 anos de idade.

A participação nesta investigação não envolve riscos acrescidos. Embora este não o(a) beneficie pessoalmente, esperamos que os nossos resultados forneçam mais conhecimento sobre determinados processos psicológicos associados a fenómenos pessoais relevantes. De qualquer forma, se sentir necessidade de trabalhar as emoções elicitadas pela resposta a este questionário, essa possibilidade será oferecida.

Participação voluntária: A participação neste estudo é completamente voluntária. Pode interromper a sua participação a qualquer momento (basta fechar o browser).

Confidencialidade: As suas respostas serão anónimas e confidenciais. Os dados recolhidos não serão analisados individualmente, mas de forma agregada, conjuntamente com as respostas dos restantes participantes. Além disto, em nenhum momento lhe será solicitada informação pessoal que o(a) possa identificar individualmente. Assim sendo, não é possível, em caso algum, identificar os participantes.

Finalidade do tratamento de dados e disseminação dos

https://psicologia.eu.qualtrics.com/Q/EditSection/Blocks/Ajax/GetSurveyPrintPreview?ContextSurveyID=SV_3ZQFgtZzyV3a5aC&ContextLibrar... 2/23

resultados: A recolha e o tratamento de dados são realizados, exclusivamente, para fins de investigação científica. Os resultados do estudo poderão ser publicados ou apresentados em meios de divulgação científica (por ex., revistas científicas, conferências). O investigador responsável assegura que os seus dados não serão tratados para outras finalidades que não as previamente indicadas.

Contactos: Para o esclarecimento de qualquer questão relativamente a este estudo poderá contactar o investigador responsável, Mariana Casanova através do endereço eletrónico: marianacasanova@ese.ipp.pt.

Consentimento informado, livre e esclarecido para participação em estudos de investigação

- ☐ Declaro ser maior de 18 anos, ter lido e compreendido a apresentação deste projeto de investigação. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo investigador.

Sociodemográfico

Idade em anos

Género

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ Outro

Nacionalidade

- ☐ Portuguesa
- ☐ Brasileira
- ☐ Outro

Atualmente reside em Portugal?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Etnia

- ☐ Branca
- ☐ Preta
- ☐ Parda
- ☐ Outro

Nível de escolaridade concluído.

- ☐ 1º Ciclo do Ensino Básico
- ☐ 2º Ciclo do Ensino Básico
- ☐ 3º Ciclo do Ensino Básico
- ☐ Ensino Secundário
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento

Atualmente estuda?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Atualmente, está a frequentar algum curso?

- ☐ Ensino Secundário
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado

- ☐ Doutorado
- ☐ TeSP

Área de estudo

Atualmente, está a trabalhar?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Caso esteja a trabalhar, em qual área?

Quantas horas semanais trabalha?

- ☐ De 0 à 20h
- ☐ De 21h à 40h
- ☐ Mais de 40 horas

Nível de Escolaridade do Pai

- ☐ 1º Ciclo do Ensino Básico
- ☐ 2º Ciclo do Ensino Básico
- ☐ 3º Ciclo do Ensino Básico
- ☐ Ensino Secundário
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento
- ☐ TeSP

Nível de Escolaridade do Mãe

- ☐ 1º Ciclo do Ensino Básico
- ☐ 2º Ciclo do Ensino Básico
- ☐ 3º Ciclo do Ensino Básico
- ☐ Ensino Secundário
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento
- ☐ TeSP

Rendimento/Renda Mensal Familiar (calcule com base no salário mínimo mensal bruto em Portugal em 2024: 820 euros)

- ☐ Até 1 salário mínimo
- ☐ De 1 até 3 salários mínimos
- ☐ De 3 até 5 salários mínimos
- ☐ Mais do que 5 salários mínimos

Número de pessoas que compõe o agregado familiar

Atualmente, com quem vive?

- ☐ Mora com os pais
- ☐ Mora com algum familiar
- ☐ Mora em residência universitária
- ☐ Aluga um quarto
- ☐ Aluga um local apenas para você
- ☐ Outro

Tem filhos(as)?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se sim, quantos?

Tomada de decisão

Escala de Indecisão (Frost & Shows, 1993; Traduzido por Santos, 2011; Adaptado)

Por favor responda a todas as questões de acordo com o que pensa e sente acerca delas e com a maior veracidade possível. Todas as respostas serão absolutamente confidenciais.

INSTRUÇÕES: Para cada questão faça um círculo à volta do número que melhor se adequa ao seu caso. Não deixe nenhuma questão por responder.

	1. Discordo Fortemente	2	3	4	Concordo fortemente
1. Adio ter que tomar decisões.	☐	☐	☐	☐	☐
2. Sei sempre aquilo que quero.	☐	☐	☐	☐	☐
3. Acho fácil tomar decisões.	☐	☐	☐	☐	☐

	I. Discordo Fortemente	2	3	4	Concordo fortemente
4. Tenho dificuldades em planejar o que fazer nos meus tempos livres.	☐	☐	☐	☐	☐
5. Gosto de estar em situações em que tenha que tomar decisões.	☐	☐	☐	☐	☐
6. Depois de tomar uma decisão sinto-me bastante confiante quanto à decisão que tomei.	☐	☐	☐	☐	☐
7. Quando escolho pratos de uma ementa num restaurante, tenho normalmente dificuldades em decidir o que vou pedir.	☐	☐	☐	☐	☐
8. Normalmente tomo decisões de forma rápida.	☐	☐	☐	☐	☐
9. Depois de tomar uma decisão não me preocupo mais com ela.	☐	☐	☐	☐	☐
10. Fico ansioso(a) quando estou a tomar decisões	☐	☐	☐	☐	☐
11. Frequentemente preocupo-me com a possibilidade de fazer uma má escolha.	☐	☐	☐	☐	☐

	I. Discordo Fortemente	2	3	4	Concordo fortemente
12. Depois de ter escolhido ou decidido alguma coisa, acredito, frequentemente, que fiz uma má escolha ou tomei uma má decisão.	☐	☐	☐	☐	☐
13. Não consigo realizar as minhas tarefas e obrigações a tempo porque não consigo decidir o que fazer em primeiro lugar.	☐	☐	☐	☐	☐
14. Tenho dificuldades em completar as minhas tarefas e obrigações porque não consigo decidir sobre o que é mais importante.	☐	☐	☐	☐	☐
15. Parece-me que decidir mesmo sobre as coisas mais simples me leva muito tempo.	☐	☐	☐	☐	☐

Experiências Adversas na Infância

Questionário de Experiências de Adversidade na Infância
(Felitti & Anda, 1998; Traduzido por Silva & Maia, 2007)

De seguida são apresentadas um conjunto de questões/afirmações que se referem a experiências na infância. Responda a cada uma das questões com a maior sinceridade.

	Sim	Não
Seu pai/mãe (padrasto/madrasta) ou outro adulto que vivia na sua casa frequentemente, ou muito frequentemente... xingou / chamou palavrões, insultou, diminuiu ou humilhou você ? Ou agiu de um modo que o/a deixou com medo de ser magoado(a) fisicamente?	☐	☐
Seu pai/mãe (padrasto/madrasta) ou outro adulto que vivia na sua casa frequentemente, ou muito frequentemente... empurrou, agarrou, deu um tapa /estalada ou lhe atirou alguma coisa? Ou alguma vez lhe bateu tão fortemente que deixou alguma marca ou o/a deixou ferido(a) ?	☐	☐

	Sim	Não
Alguma vez um adulto ou uma pessoa pelo menos 5 anos mais velha do que você o/a tocou ou acariciou ou fez com que você tocasse o corpo dele(a) de um modo sexual? Ou tentou ou de facto teve relação oral, anal ou vaginal consigo?	☐	☐
Já sentiu com frequência ou muitas vezes que... ninguém na sua família o/a amava ou pensava que você era importante ou especial? Ou que na sua família as pessoas não se cuidavam, não se sentiam próximas, ou apoiavam umas às outras?	☐	☐
Já sentiu com frequência ou muitas vezes... que não tinha o suficiente para comer, tinha que usar roupas sujas e não tinha ninguém para o/a proteger? Ou que os seus pais estavam bêbados ou drogados demais para cuidar de você ou te levar ao médico, caso precisasse?	☐	☐

	Sim	Não
Alguma vez você já perdeu um pai/mãe biológico, padrasto/madrasta por causa de divórcio, separação, abandono ou outro motivo?	☐	☐
Aconteceu com frequência ou muitas vezes que a/o sua mãe/pai, madrastra/padrasto foi empurrada/o, agarrada/o, levou um tapa / estalada, ou algo lhe foi atirado/e, ou foi chutada/o, mordida/o, levou um soco ou apanhou com algo pesado/sólido? ou Alguma vez apanhou / foi batida por pelo menos alguns minutos ou foi ameaçada/o com uma arma ou faca?	☐	☐
Você viveu com alguma pessoa que tinha um problema com bebida, era alcoólico ou que usava drogas?	☐	☐
Você viveu com alguma pessoa que estivesse deprimida, ou tivesse doença mental ou alguma vez alguém da casa tentou suicídio?	☐	☐
Alguma vez alguém com que vivia foi para a prisão?	☐	☐

Individuação de Jovens Adultos

Teste de Individuação para Adultos Emergentes (Kodimar et al., 2013; Traduzido por Nunes et al., 2019) Na tabela abaixo, há várias afirmações sobre o teu relacionamento com a tua Mãe. Para cada afirmação, por favor marca o nível de concordância que mais se aplica a ti. 1= Completamente falso; 5= Completamente verdadeiro

	Completamente Falso	2	3	4	Completamente Verdadeiro
Ela respeita as minhas vontades.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu tomo decisões sobre a minha carreira, independentemente da opinião dela.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu acho que ela quer saber demasiado sobre mim.	☐	☐	☐	☐	☐
Quando eu estou com problemas nas minhas relações pessoais eu peço-lhe conselhos.	☐	☐	☐	☐	☐
Quando eu faço algo de errado, preocupo-me com a reação dela.	☐	☐	☐	☐	☐

	Completamente Falso	2	3	4	Completamente Verdadeiro
Eu acho que ela quer saber demasiado sobre os meus amigos.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu tento tomar decisões sobre a minha própria vida por minha conta.	☐	☐	☐	☐	☐
Quando algo dá errado eu recorro a ela.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu resolvo os meus problemas no trabalho ou na escola, independentemente dela.	☐	☐	☐	☐	☐
Quando eu estou com dúvidas sobre decisões importantes eu recorro a ela.	☐	☐	☐	☐	☐
Se eu tivesse problemas no trabalho ou na escola eu preocupar-me-ia se a desapontasse.	☐	☐	☐	☐	☐
Quando eu tenho um problema, eu tento encontrar uma solução sem a ajuda dela.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu gosto de conversar com ela.	☐	☐	☐	☐	☐

	Completamente Falso	2	3	4	Completamente Verdadeiro
Eu sinto-me culpado(a) quando não estou em contato com ela, tanto quanto ela gostaria.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu acho que ela faz muitas perguntas sobre o meu trabalho ou estudos.	☐	☐	☐	☐	☐
Ela respeita as minhas necessidades.	☐	☐	☐	☐	☐
Receio que possa desapontá-la.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu posso tomar decisões importantes sem a ajuda dela.	☐	☐	☐	☐	☐
Ela apoia as minhas decisões.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu acho que ela quer passar muito tempo comigo.	☐	☐	☐	☐	☐
Receio que possa dececioná-la com o meu estilo de vida.	☐	☐	☐	☐	☐
Ela entende os meus problemas.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu sei que caminho seguir sem ajuda dela.	☐	☐	☐	☐	☐
Receio que não possa corresponder às expectativas dela.	☐	☐	☐	☐	☐

	Completamente Falso	2	3	4	Completamente Verdadeiro
É importante para mim que ela esteja disponível quando eu precisar dela.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu poderei ficar desconfortável se ela não estiver satisfeita com o meu/minha Companheiro(a).	☐	☐	☐	☐	☐
Posso falar abertamente com ela.	☐	☐	☐	☐	☐
Acho que é difícil comprometer-me com uma decisão que sei que a vai decepcionar.	☐	☐	☐	☐	☐
Ela quer saber muito sobre a minha vida íntima.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu vivo de forma independente, sem a ajuda dela.	☐	☐	☐	☐	☐
Quando estou ansioso (a)/stressado (a) procuro-a.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu acho que ela é muito controladora sobre a minha vida.	☐	☐	☐	☐	☐
Se eu estiver com problemas na minha vida pessoal, eu consigo resolvê-los sem ela.	☐	☐	☐	☐	☐

	Completamente Falso	2	3	4	Completamente Verdadeiro
Ela faz mais perguntas sobre a minha vida pessoal do que aquelas que eu quero revelar.	☐	☐	☐	☐	☐
Se eu tenho problemas, conto sempre com a ajuda dela.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu acho que ela se preocupa demasiado comigo.	☐	☐	☐	☐	☐

Teste de Individuação para Adultos Emergentes
 (Kodimar et al., 2013; Traduzido por Nunes et al., 2019) Na tabela abaixo, há várias afirmações sobre o teu relacionamento com o teu Pai. Para cada afirmação, por favor marca o nível de concordância que mais se aplica a ti. 1= Completamente falso; 5= Completamente verdadeiro

	Completamente Falso	2	3	4	Completamente Verdadeiro
Ele respeita as minhas vontades.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu tomo decisões sobre a minha carreira, independentemente da opinião dele.	☐	☐	☐	☐	☐

	Completamente Falso	2	3	4	Completamente Verdadeiro
Eu acho que ele quer saber demasiado sobre mim.	☐	☐	☐	☐	☐
Quando eu estou com problemas nas minhas relações pessoais eu peço-lhe conselhos.	☐	☐	☐	☐	☐
Quando eu faço algo de errado, preocupo-me com a reação dele.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu acho que ele quer saber demasiado sobre os meus amigos.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu tento tomar decisões sobre a minha própria vida por minha conta.	☐	☐	☐	☐	☐
Quando algo dá errado eu recorro a ele.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu resolvo os meus problemas no trabalho ou na escola, independentemente dele.	☐	☐	☐	☐	☐
Quando eu estou com dúvidas sobre decisões importantes eu recorro a ele.	☐	☐	☐	☐	☐

	Completamente Falso	2	3	4	Completamente Verdadeiro
Se eu tivesse problemas no trabalho ou na escola eu preocupar-me-ia se a desapontasse.	☐	☐	☐	☐	☐
Quando eu tenho um problema, eu tento encontrar uma solução sem a ajuda dele.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu gosto de conversar com ele.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu sinto-me culpado(a) quando não estou em contato com ele, tanto quanto ela gostaria.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu acho que ele faz muitas perguntas sobre o meu trabalho ou estudos.	☐	☐	☐	☐	☐
Ele respeita as minhas necessidades.	☐	☐	☐	☐	☐
Receio que possa desapontá-lo.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu posso tomar decisões importantes sem a ajuda dele.	☐	☐	☐	☐	☐
Ele apoia as minhas decisões.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu acho que ele quer passar muito tempo comigo.	☐	☐	☐	☐	☐

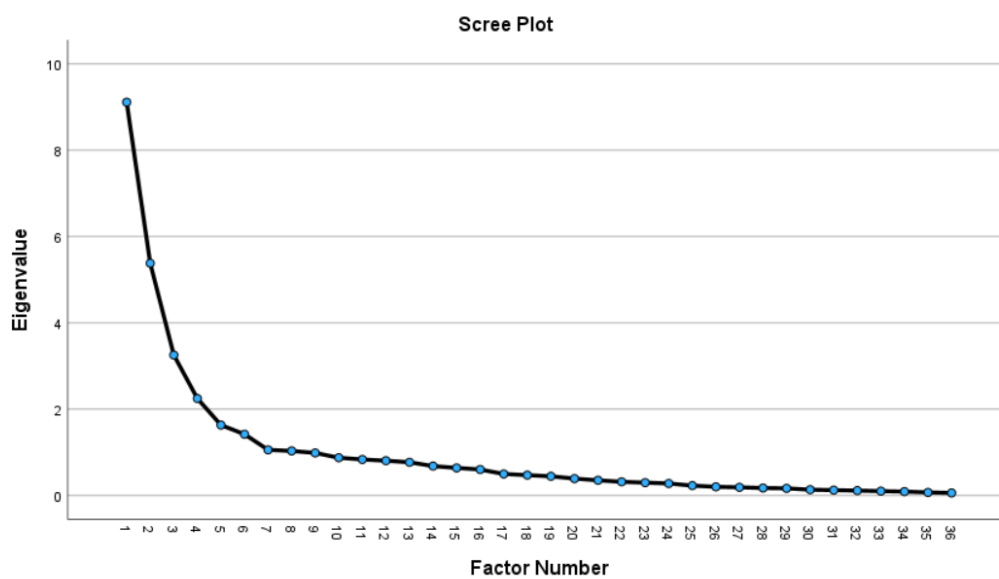
	Completamente Falso	2	3	4	Completamente Verdadeiro
Receio que possa dececioná-lo com o meu estilo de vida.	☐	☐	☐	☐	☐
Ele entende os meus problemas.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu sei que caminho seguir sem ajuda dele.	☐	☐	☐	☐	☐
Receio que não possa corresponder às expectativas dele.	☐	☐	☐	☐	☐
É importante para mim que ele esteja disponível quando eu precisar dele.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu poderei ficar desconfortável se ele não estiver satisfeita com o meu/minha Companheiro(a).	☐	☐	☐	☐	☐
Posso falar abertamente com ele.	☐	☐	☐	☐	☐
Acho que é difícil comprometer-me com uma decisão que sei que a vai dececionar.	☐	☐	☐	☐	☐
Ele quer saber muito sobre a minha vida íntima.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu vivo de forma independente, sem a ajuda dele.	☐	☐	☐	☐	☐

	Completamente Falso	2	3	4	Completamente Verdadeiro
Quando estou ansioso (a)/stressado (a) procuro-o.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu acho que ele é muito controladora sobre a minha vida.	☐	☐	☐	☐	☐
Se eu estiver com problemas na minha vida pessoal, eu consigo resolvê-los sem ele.	☐	☐	☐	☐	☐
Ele faz mais perguntas sobre a minha vida pessoal do que aquelas que eu quero revelar.	☐	☐	☐	☐	☐
Se eu tenho problemas, conto sempre com a ajuda dele.	☐	☐	☐	☐	☐
Eu acho que ele se preocupa demasiado comigo.	☐	☐	☐	☐	☐

Desenvolvido pela Qualtrics

Anexo 2

Scree Plots (Mãe)



Scree Plot (Pai)

